EMPREENDEDORISMO SOCIAL OU NÃO? UM ESTUDO EM INSTITUIÇÕES DE UBERLÂNDIA-MG

Michelle Castro Carrijo¹
Márcia Freire De Oliveira¹
Marcela Ribeiro¹
Eduarda Lemes Machado¹

¹ Universidade Federal de Uberlândia

DOI: 10.14211/xi-egepe-118119

EMPREENDEDORISMO SOCIAL OU NÃO? UM ESTUDO EM INSTITUIÇÕES DE UBERLÂNDIA-MG

Resumo: O empreendedorismo social é uma expressão relativamente recente, cujo conceito apresenta-se ainda em construção, mas que tem ganhado força nos últimos anos. Entretanto, é possível verificar diversas instituições que não se encaixam na definição de empreendedorismo social, acarretando uma grande confusão. Assim, o objetivo do trabalho é identificar e analisar algumas organizações situadas em Uberlândia-MG, sob a ótica do empreendedorismo social, verificando se as mesmas realmente possuem as características, identificadas na literatura, que são necessárias para serem classificadas dentro dessa categoria. A pesquisa é caracterizada como qualitativa e exploratória. A coleta de dados foi realizada por meio de preenchimento de questionário com questões abertas via plataforma virtual em cinco instituições. Os resultados encontrados a partir do desenvolvimento deste artigo, demonstraram que as instituições não possuem uma ideia definida sobre empreendedorismo social e nem da classificação em que as mesmas se enquadram, gerando uma ideia errônea sobre esse conceito.

Palavras-chave: Empreendedorismo social. Instituições. Classificação.

1 Introdução

O empreendedorismo tem se mostrado um fenômeno muito importante para as economias do mundo inteiro, em especial, por envolver a busca por soluções de problemas da sociedade de forma inovadora e criativa. Schumpeter (1942) já dizia nos anos 40, que o empreendedor era responsável pelo processo de destruição criativa, processo pelo qual, por meio da inovação, algo novo ao ser introduzido no mercado pela primeira vez, fazia com que aquilo que era obsoleto fosse deixado para trás, promovendo assim, o desenvolvimento econômico.

Dessa forma, o empreendedorismo pode ser visto tanto no âmbito privado, quanto social e mesmo dentro de empresas já existentes, na forma do intraempreendedorismo. Mas, em qualquer uma dessas dimensões a inovação é uma variável que assume uma relativa relevância. No âmbito social, que é o foco do presente trabalho, a inovação é algo fundamental para o processo empreendedor, visto que, o empreendedor social gera impacto em nível local e nacional, seja em função de geração de renda e trabalho, propostas e planejamentos voltados à comunidade ou criação de valor (GODÓI-DE-SOUSA, GANDOLFI, GANDOLFI; 2011).

De maneira geral, a literatura define o empreendedorismo social como a busca por soluções inovadoras, de maneira sustentável, para situações de adversidade social e que, assim, cria recursos, competências e meios para responder às necessidades daqueles que vivem nessa circunstância (MAIR e MARTI, 2004; ALVORD, BROWN e LETTS, 2004; OLIVEIRA, 2004)

Com o intuito de solucionar esses desafios, abre-se espaço para outras espécies de organizações com o objetivos semelhantes, como criação de valor social e econômico, acarretando em uma pluralidade de nomenclaturas e concepções acerca do tema. Essa diversidade ocorre em função das diferentes realidades que essas instituições se configuram, dado circunstâncias sociais, políticas e econômicas de cada local (ROSOLEN, TISCOSKI, COMINI, 2014)

Assim, é necessário averiguar quais são as instituições que de fato se caracterizam como de empreendimentos sociais conforme a literatura. Dessa forma, o presente trabalho busca esclarecer as nomenclaturas das organizações no âmbito social através de um estudo realizado com empreendimentos localizados no município de Uberlândia- MG.

Esse trabalho foi estruturado da seguinte forma: (i) breve introdução a respeito das circunstâncias em que a pesquisa se aplica; (ii) referencial teórico dissertando sobre Empreendedorismo Social, Responsabilidade Social, Economia Solidaria, Organizações não governamentais (ONG), Negócios 2.5; (iii) a metodologia; (iv) os resultados e, por último, (v) as conclusões.

2 Referencial Teórico

2.1 Empreendedorismo Social

O empreendedorismo social emerge da incapacidade das entidades governamentais em solucionar problemas sociais, seja por falta de recursos financeiros seja pela sua significativa demora na oferta de respostas, dessa forma abre-se espaço para o surgimento dos empreendimentos de caráter social, para que a população não sofra com a falta de alguns requisitos considerados mínimos para sua sobrevivência em termos de saúde, educação, segurança, lazer e infraestrutura (PARENTE, et al, 2011; BOSE; GODÓI-DE-SOUSA, 2012; BAGGENSTOSS; DONADONE, 2013).

Apesar de o fenômeno empreendedorismo social parecer ser um termo relativamente recente, suas ações podem ser vistas ao longo da história. Segundo Dees (2011) as raízes desse termo se dão em torno do final do século XIX, época na qual a ideia de caridade, prática de ajudar aos menos favorecidos, passa a ser vista como algo permanente e sistêmico. Essa mudança foi crucial para que a definição do empreendedorismo social fosse definida como é na atualidade.

Ainda segundo autor, o assunto empreendedorismo social iniciou sua forma contemporânea em torno de 1980, na qual foi estabelecido duas importantes escolas de ensino, a escola de inovação social e de empresa social; embora as mesmas tenham surgido isoladas, ambas acompanharam a mesma direção.

Conforme Mair e Marti (2006), empreendedorismo social é definido como "um processo que envolve uma combinação inovadora de recursos para explorar oportunidades que atendem a necessidades sociais e catalisam a mudança social", ou seja, destacam a inovação e apresentam uma visão social.

Para Casaqui (2015) o empreendedorismo social, manifesta como uma resposta à ideologia dominante da sociedade moderna, o capitalismo, e essa forma de empreendedorismo inicia-se como uma resposta aos pontos falhos e lacunas que esse sistema econômico apresenta, pois o mesmo estimula a desigualdade e a acumulação de riquezas nas mãos daqueles que já a detém.

É consensual, na literatura, destacar como caráter principal do empreendedorismo social a responsabilidade de gerar e maximizar o valor social, por meio de atividades inovadoras (DAVIS, 2002; AUSTIN; STEVENSON; WEI-SKILLERN, 2006; CERTO & MILLER, 2008). Além disso, outros autores apontam a proatividade, gestão do risco, oportunidades e inovação como aspectos importantes a serem destacado pelo empreendedorismo social (WEERAWARDENA; MORT, 2006).

No Quadro 1, é apresentado uma síntese das principais características do empreendedorismo social apontadas por Oliveira (2004).

Quadro 1- Características empreendedorismo social

CARACTERÍSTICA EMPREENDEDORISMO SOCIAL
É coletivo e integrado.
Produz bens e serviços para a comunidade, local e global.
Tem o foco na busca de soluções para os problemas sociais e necessidades da comunidade.
Sua medida de desempenho são o impacto e a transformação social.
Visa a resgatar pessoas da situação de risco social e a promovê-las, e a gerar capital social, inclusão e emancipação social.

Fonte: Adaptado Oliveira (2004).

Segundo Auerswald (2009), a distinção entre empreendedorismo social e empreendedorismo privado é que o primeiro busca a criação do valor social, já o segundo tem como objetivo principal a criação de valor financeiro. Para Austin, Stevenson e Wei-Skillern (2006, p.3) essas “falhas no mercado podem criar diferentes oportunidades para empreendedorismo social e comercial”.

Assim, pode-se afirmar que o empreendedorismo social surge para auxiliar aqueles que são desfavorecidos de algum meio essencial. A partir desse mesmo objetivo é visto diversas terminologias que podem ser confundidas com empreendedorismo social. Essa confusão de nomenclaturas e conceitos acontece não apenas por estudantes ou iniciantes no assunto de empreendedorismo, mas também por pesquisadores estrangeiros e brasileiros, fazendo-se necessário o mapeamento a respeito dos diferentes conceitos que rondam esse tema (OLIVEIRA, 2004).

Dessa forma, é necessária a distinção das instituições que agem no setor social, para isso serão destacados os termos responsabilidade social, economia solidária, organizações não governamentais e negócios 2.5, que serão discutidos a seguir.

2.2. Nomenclaturas semelhantes

Outras terminologias se confundem com empreendedorismo social, como responsabilidade social. Entretanto, esta última é a prática da cidadania empresarial, quando a

empresa se envolve com o desenvolvimento social, geralmente por meio de programas de voluntariado. Está muito relacionada aos seus valores e às suas políticas de atuação. É a empresa socialmente responsável. O empreendedorismo social também se difere das ONGs, as quais não geram lucros e vivem de doações e/ou patrocínios (MELO NETO; FROES, 2002; OLIVEIRA, 2004).

2.3. Responsabilidade Social

Por mais que as organizações proporcionem o bem-estar dos seus funcionários por meio da geração de capital, propriedades e emprego é importante que a empresa respeite o meio ambiente, que tenha em mente que sua responsabilidade visa na construção do futuro daqueles que dependem dela. Segundo Carvalho (2011), responsabilidade social pode ser definida como “o sucesso econômico com realização do homem ou o respeito ético diante do mundo com o qual a empresa se relaciona”, ou seja, as empresas necessitam admitir uma postura ética empresarial levando em consideração a sustentabilidade.

Para *World Business Council for Sustainable* (2000), a responsabilidade social é definida como um compromisso institucional, na qual gera um crescimento econômico não só para aqueles que compõe a empresa, mas seus familiares e a sociedade. Assim, é fundamental que a empresa preza pela conservação do meio ambiente, de forma harmônica, para que seu crescimento sustentável seja algo que corresponda na satisfação das necessidades humanas, tanto da geração presente quanto da geração futura.

Segundo Jesus, Sarmiento e Duarte (2017), a responsabilidade social visa uma estratégia de longo prazo constituída em honestidade e em princípios sólidos, de forma que acarrete no conforto para a sociedade e benefícios para a instituição. Além disso, a responsabilidade social está relacionada a um comportamento estratégico, em função da intervenção estatal, esse comportamento é essencial para que as organizações se protejam de punições que as normas determinam (ZANITELLI, 2013).

De acordo com Schroeder e Schroeder (2004) as empresas como fortes influenciadores no cotidiano da sociedade, deveriam também contribuir com a melhoria das condições do ambiente onde se localiza. Por isso a existência da responsabilidade social das empresas, pois

com sua importância no dia a dia da população elas devem além de se atentar ao lucro, buscar formas de melhorar a vida da comunidade na qual existe.

Além disso, conforme Andrade et. al. (2016), a responsabilidade social empresarial não pode ser caracterizada como empreendedorismo social, visto que a responsabilidade social presume em ações internas e externas intencionais, que são fundamentadas na missão e conduta da organização e das necessidades da sociedade.

2.4. Economia Solidária

No Brasil a economia solidária se perpetuou de forma sociopolítica, voltada a políticas públicas e movimentos governamentais, em fase de mudanças nos sistemas da economia, política e social (AZEVEDO, ALIÓ E SILVA, 2016). Segundo Vieira (2016), a economia solidária independe do grau de desenvolvimento econômico, pois esta é uma tendência universal da atual economia, já que trata de questões relacionadas ao desenvolvimento sustentável e o meio ambiente.

Para Arcanjo e Marques (2012) economia solidária é voltada principalmente ao ser humano de forma que a produção, consumo e distribuição de meios não tenham a finalidade de obtenção de lucros e que a gestão seja realizada pelos próprios membros de maneira igualitária. Singer (2001) ressalta que a economia solidária possui traços importantes como solidariedade, autogestão, colaboração e acessibilidade econômica. Ainda segundo o autor outra característica sobre esse empreendimento e a contribuição que elas recebem de instituições como igrejas, universidades, organizações, entre outras.

A economia solidária visa a coletividade nos meios de produção, democracia entre os membros e a igualdade de receita, sendo uma forma de superar o capitalismo ou uma alternativa sem que haja nenhuma articulação política revolucionária. A forma como a economia solidária opera, afirma que a sociedade possui a capacidade de organizar a produção e a reprodução de maneira a distribuir igualmente os materiais e ainda gerar a solidariedade e acarretar em alternativas de renda.

2.5. ONG

Em virtude da ditadura militar na década de 60, no Brasil, surgem as primeiras Organizações não governamentais (ONGs), com o intuito de conservar os direitos políticos que foram tomados dos indivíduos que viviam naquela época. A denominação ONG desde então, foi disseminada referindo-se a qualquer organização sem fins lucrativos, o que leva a visões diferente a respeito da palavra (ABONG, 2005).

Segundo Ribeiro (2014), às ONGs agem em grande parte dos casos em regiões em situações de vulnerabilidade ou de escassez de elementos essenciais na vida humana para se obter boa saúde, educação, serviços urbanos, entre outras. Além disso, elas possuem o papel de suma importância como protetoras das causas sociais e de comprometimento com a comunidade (RIBEIRO, 2014).

Baseado nos estudos de Junior et. al (2015) as organizações não governamentais utilizam de trabalhos voluntários e doações de pessoas físicas e jurídicas para prosseguir com os trabalhos de auxílio social. Por isso a necessidade intensa de propagandas para auxílio das as ONG's.

Existem diversas ONGs pelo mundo, e cada uma delas possui suas singularidades, divergindo dessa forma, em seus objetivos, em suas ações e metodologias (LAMY, 2016). Ainda segundo o autor, os objetivos se divergem em razão das circunstâncias em que elas estão inseridas ou devido às finalidades que pretendem realizar.

2.6. Negócios 2.5

Os negócios 2.5 são denominados dessa forma pois referem-se à união das características do segundo setor, cujo objetivo é gerar lucro, e do terceiro setor, que não tem finalidade lucrativa e visa gerar impacto para a sociedade (TAVARES, 2018). Conforme a Folha de São Paulo (2018) o Brasil não possui uma regulamentação bem definida para esse negócio em questão, sendo em alguns casos formalizados como organizações do segundo setor ou terceiro setor.

De acordo com o Instituto Nacional de Empreendedorismo e Inovação (INEI), negócios 2.5 precisam atender os seguintes requisitos: criar valor social, ambiental,

econômico; ser sustentável financeiramente, proporcionar a inclusão e gerar recursos financeiros ao empreendedor (EXAME, 2017).

Esse modelo de negócio pode ser realizado não apenas por empreendedores, mas também por aqueles que buscam proporcionar impacto no meio em que vivem o que ocasiona na oportunidade de emprego para executivos que gostariam de sair do mercado corporativo (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018).

Segundo a Folha de São Paulo (2018), apesar de pouco conhecido, esse setor vem apresentando crescimento. Segundo uma pesquisa realizada pela Pipe Social em 2017, existem cerca de 579 negócios sociais, distribuídos nas áreas de educação, tecnologias sustentáveis, cidadania, saúde, cidades e finanças sociais, porém apesar de ser um número considerável ainda não é um conceito estimulado dentro do Brasil.

3. Comparação entre os conceitos

Após realizar a análise dos conceitos apresentados anteriormente, é necessário estabelecer parâmetros a respeito das principais definições e características dos conceitos abordados (Quadro 2).

Quadro 2- Comparação das características

Conceito/ Característica	Sem fins lucrativos	Auto Gestão	Sustentabi lidade	Solidaried ade	Ética Empresarial	Colaboração
Empreendedorismo social	X	X		X		X
Organizações não Governamentais	X			X		X
Economia Solidária	X	X		X		X
Responsabilidade Social	X		X		X	
Negócios 2.5		X	X	X		X

Fonte: Elaboração própria.

O empreendedorismo social se diferencia das ONG's devido ao caráter de obtenção de recursos dos dois, como citado pelo Junior et al. (2015) às ONGs contam com doações e trabalhos voluntários para alcançar suas metas e objetivos. Diferente do empreendedorismo

social que é caracterizado pelo processo de arrecadação de seu capital por meio de iniciativas inovadoras e empreendedoras.

Já em relação à responsabilidade social o empreendedorismo social se difere pois, segundo Jocimari Schroeder e Ivanir Schroeder (2004), o primeiro se refere a um posicionamento que a empresa assume com o objetivo de auxiliar o desenvolvimento do ambiente social no qual está inserido, mas sem tirar o enfoque principal da empresa, que é o lucro. Entretanto, já o empreendedorismo social possui como principal enfoque o impacto social, ou seja, o objetivo geral da empresa é ajudar o desenvolvimento da sociedade sem se preocupar com a obtenção de lucros de capital.

4. Metodologia

Buscando analisar a temática proposta, o presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, sendo um estudo de casos múltiplos. A pesquisa qualitativa segundo André (1983) tem a intenção de compreender a essência dos fenômenos em suas ocorrências naturais, conciliando a percepção do sujeito no seu contexto, com as diferentes interpretações de vivência.

Como metodologia foi utilizada a pesquisa bibliográfica e documental para ampliar o entendimento acerca da temática estudada. O caráter desta pesquisa é exploratório, pois tem o intuito de “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” proporcionando assim uma maior proximidade com a problemática em questão (GIL, 2008).

Inicialmente, buscou-se identificar as instituições localizadas no município de Uberlândia-MG que são classificadas como empreendimentos sociais. Para isso, foi utilizado o artigo dos autores Godói-De-Souza, E; Bueno, J.M.; Sousa, M.G.; Santos, L. T, 2014, no qual, consta uma lista de empresas que se autodeclaram empreendedoras sociais. Além disso, houve a colaboração do profissional Alonso Neto, que atua como *Fellow* da *Social Good Brasil*, uma instituição que auxilia as empresas sociais a se desenvolverem, conectando aqueles que possuem vontade de fazer, com as empresas que realizam as ações.

Por meio dessa lista, entrou-se em contato com 14 instituições, porém foi obtido o retorno de apenas cinco instituições. Não houve êxito com as demais instituições, devido a

fatores como: alteração no número de telefone; não atendimento das ligações; falta de retorno ou interesse em participar do questionário; entre outros.

A coleta de dados foi realizada por meio de preenchimento de questionário com questões abertas via plataforma virtual. Após uma média de 3 a 4 tentativas por meio de telefonemas, e-mails por cada uma das 14 instituições, foram conseguidas o retorno de 5 instituições, no quadro 3 é apresentado os nomes das instituições. O objetivo da aplicação de questionários foi investigar se elas efetivamente possuem as características necessárias para se classificarem como empreendedorismo social, segundo o arcabouço teórico especializado, ou se devem se classificar em outras categorias como ONGs, programas de responsabilidade social, entre outras.

As perguntas foram estruturadas de acordo com as dúvidas que foram encontradas durante a pesquisa bibliográfica, além dos principais pontos de diferenciação de cada uma das ideologias abordadas neste estudo. Em nenhuma das instituições participantes houve objeção em relação a identificação no desenvolvimento do trabalho.

Quadro 3: Instituições participantes do artigo

LISTA DE INSTITUIÇÕES
Religar Brasil
Associação dos Artesãos de Uberlândia
Da horta a cozinha
Casa Santa Gemma
Alimente sonhos e promova o futuro

Fonte: Elaboração própria.

5. Resultados

Para o desenvolvimento desse artigo cinco instituições de cunho social localizadas no município de Uberlândia- MG disponibilizaram a participar do questionário. Por meio dos dados coletados e o estudo detalhado das referências teóricas citadas acima, pode-se realizar a

categorização das empresas que se disponibilizaram a responder ao questionário e a permitir nossa visita a instituição.

Uma das instituições analisada foi à Casa Santa Gemma, que realiza ações para auxiliar os moradores de ruas do município de Uberlândia- MG, fornecendo alimentos, cobertores, roupas, e diferentes produtos que seja de necessidade dos mesmos. De acordo com o co-fundador, a instituição necessita de doações para exercer suas atividades rotineiras, além disso, ela conta com o auxílio da mão de obra voluntária.

Outra instituição analisada foi a Religar Brasil, uma fundação que possui como objetivo desenvolver crianças e adolescentes de assentamentos na cidade de Uberlândia- MG, por meio de diversas atividades como futebol, judô, dança e reforço escolar. Do mesmo modo que a instituição anterior, a mão de obra da Religar Brasil é composta por voluntários, além de depender exclusivamente de doações para realizar as suas atividades.

A Associação de Artesãos de Uberlândia tem como objetivo auxiliar nas vendas dos artesanatos através da disposição de um local apropriado para a exposição de seus trabalhos, ainda a organização disponibiliza de cursos. Dessa forma, ela auxilia no desenvolvimento dos mesmos para que consigam manter uma condição de vida estável e digna. O sistema de arrecadação de capital dessa empresa é por meio de mensalidades recolhidas daqueles que participam do grupo, outro diferencial dessa empresa é a estrutura organizacional que formada por uma diretoria que toma as decisões em nome da associação, além dessas diferenças essa organização não conta com auxílio de voluntários.

No que se refere da Horta a cozinha o principal objetivo da organização é promover o crescimento dos agricultores familiares da região auxiliando no modo de vida dos mesmos de uma forma econômica e sem degradar o meio ambiente. O modo de arrecadação de dinheiro para esse projeto é feito mediante a venda de produtos daqueles agricultores que compõem a organização.

A última instituição analisada foi a Alimente sonhos e promova o futuro, uma organização que auxilia crianças e pré adolescentes de baixa renda através de esportes, doações de brinquedos e cestas. A estrutura da organização é horizontal, sendo que todos os voluntários possuem direito a voz e a voto, a respeito do modo de arrecadação da organização é feito por meio de doações dos próprios voluntários ou da comunidade em geral.

É visto que as organizações analisadas possuem pontos em comum, pois os objetivos das mesmas são referentes ao desenvolvimento da comunidade em que estão inseridos, promovendo na melhoria da renda daqueles que são atingidos pelo programa ou tomando medidas de contenção para situações mais urgentes que os mesmos se encontram.

Quando são perguntados para os participantes sobre o que é criatividade um ponto em comum levantado por todos eles se trata em desenvolver processos ou arrecadação de meios para dar continuidade das ações das organizações. Apenas duas organizações se mostraram conhecimento teórico para suas ações ou atitudes organizacionais

No que diz respeito às ações inovadoras criadas pelas organizações apenas duas demonstraram estar procurando e exercendo ações inovadoras, sendo uma voltada para o processo de desenvolvimento das atividades da organização em si, e a segunda referente ao produto final, uma tentativa de mudança do modo de arrecadação da organização envolvendo uma mensalidade para os agricultores que participam do projeto.

No que tange a classificação das organizações segundo os entrevistados, duas delas se apresentaram como empreendimentos sociais, e três como organizações não governamentais, sendo elas respectivamente, a Associação de Artesãos de Uberlândia, Da Horta a Cozinha, Alimente Sonhos e Promova o Futuro, Casa Santa Gemma e Religar Brasil.

Para determinar se as classificações das empresas estão de acordo com o que se espera para que a organização seja considerada ou não uma ONG ou um empreendimento social elas foram analisadas baseando-se nos princípios citados na Quadro 3.

Quadro 4- Categorização das empresas

Nome da Instituição	Sem fins lucrativos	Autogestão	Sustentabilidade	Solidariedade	Ética Empresarial	Colaboração	Coletividade
Casa Santa Gemma	X			X			X
Religar Brasil	X			X			X
Associação de Artesãos de Uberlândia	X	X					X
Da Horta a Cozinha		X	X	X			X
Alimente sonhos e promova o futuro	X			X			X

Fonte: Elaboração própria.

Com a comparação entre as organizações e os conceitos podemos observar que algumas organizações como a Casa Santa Gemma possuem características semelhantes a empreendimentos sociais, porém não possuem iniciativas inovadoras que é um critério base para esse tipo de instituição, além disso dependem de doação para sobreviver. Portanto, essa organização pode ser considerada uma ONG de acordo com os embasamentos teóricos utilizados até então.

Como demonstrado no Quadro 3, a instituição Religar Brasil apresenta como principais características a colaboração, coletividade e solidariedade, além de ser uma entidade sem fins lucrativos. Apesar da utilização de inovações no processo desenvolvimento das atividades, essa organização se enquadra como um ONG.

Quando se trata da Associação de Artesãos de Uberlândia, notamos que a apesar da organização não apresentar iniciativas inovadoras a mesma apresenta uma estrutura de tomada de decisões formada por diretorias o que possibilita uma estruturação mais formal de uma organização. Utilização as informações fornecidos pelas tabelas 2 e 3 notamos que a mesma pode se enquadrar na classificação de uma economia solidária, diferente do que foi citado pela organização.

No que se refere a organização Da Horta à Cozinha, observa-se a presença forte do empreendedorismo, com ideias de inovação e apesar do fim social, de desenvolvimento da sociedade que a cerca um dos objetivos da organização também é gerar lucro para os seus criadores, possibilitando a sobrevivência dos mesmos por meio apenas desse projeto. Finalizada essa análise e comparando as tabelas 2 e 3 pode-se notar que se trata de um negócio 2.5, e não de um empreendimento social como citado pela própria organização.

Tendo em consideração os dados citados anteriormente e analisando a organização Alimento sonhos e promova o futuro, nota-se que a mesma possui características como solidariedade, coletividade além de não possuir finalidade de obtenção de lucro que se enquadram na definição de ONG, portanto a mesma pode ser considerada como tal.

6. Conclusões

Com o desenvolvimento do artigo, constata-se que apesar de o conceito de empreendedorismo social ser tão amplo e entrelaçado com as diversas organizações que possuem um cunho social, as definições de empreendedorismo social se tratam de características específicas que possibilitam após uma análise organizacional mais profunda determinar com firmeza se a mesma se enquadra ou não nesse conceito.

Pode ser identificada também a falta de informação de algumas organizações em relação à própria nomenclatura da empresa. Como notado através da análise dos resultados citados acima as empresas ainda possuem dúvidas a respeito do seu posicionamento, devido a falta de leitura aprofundada a respeito do assunto.

Além disso, é necessário um desenvolvimento melhor do assunto quando se trata da diferenciação das diversas nomenclaturas de instituições de cunho social. Com uma determinação mais clara sobre esse conceito e uma divulgação maior sobre o assunto, auxilia as organizações que se encaixam nessa definição a identificar seu posicionamento, e utilizar isso a seu favor, possibilitando um desenvolvimento maior da própria empresa.

Com isso conclui-se que apesar de se auto nominarem como empreendimentos sociais, a maioria das instituições não conseguem se identificar no setor correto, talvez devida a falta de informação sobre a nomenclatura em si. Devido a esse fato observa-se uma abertura para a realização de novos estudos sobre o assunto, buscando compreender a razão da dificuldade dos próprios empreendedores de se classificarem e identificarem o seu posicionamento empresarial.

7. REFERÊNCIAS

ABONG - Associação Brasileira das ONGS. Disponível em: <<http://www.abong.org.br>>

ANDRADE, D.; DUARTE, D.; VASCONCELOS, V.; RAMOS, H. Empreendedorismo e economia solidária: um ensaio de suas convergências e divergências. **RACEF- Revista de Administração, Contabilidade e Economia da FUNDACE**. Ribeirão Preto, v.7, Ed. Esp. Ecossistemas de Inovação e Empreendedorismo, p. 175-186, mar. 2016.

ANDRÉ, M. E. D. A. Texto, contexto e significado: algumas questões na análise de dados qualitativos. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 45, p. 66-71, maio 1983.

ARCANJO, R. S; MARQUES, J. B.O. (2012). Cooperativismo popular na perspectiva da economia solidária como instrumento de inclusão social. In: **SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, IX. 2012, Resende-RJ: AEDB, 2012.**

AUSTIN, J.; STEVENSON, H.; WEI-SKILLERN, J. Social and commercial entrepreneurship: same, different, or both? **Entrepreneurship: Theory and Practice**, v.30, n.1, p. 1-22, 2006.

AZEVEDO, F. F.; ALIÓ, M. A; SILVA, R. P. Espacialidade da economia solidária no Brasil. **Biblio 3W**. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 25 de enero de 2016, Vol. XXI, nº 1.148.

BAGGENSTOSS, S.; DONADONE, J. C. Empreendedorismo social: Reflexões acerca do papel das organizações e do estado. **Gestão e Sociedade**, Belo Horizonte, v 7, n 16, p. 112-131, 2013.

CARVALHO, J. A. **Ética e liderança: A crise no sector imobiliário**. Lisboa: Imoedições, 2011.

CASAQUI, V. A construção do papel do empreendedor social: mundos possíveis, discurso e o espírito do capitalismo. **Galaxia**, São Paulo, n.29, p. 44-56, jun.2015.

CERTO, S.; Miller, T. “Social entrepreneurship: Key issues and concepts”, **Business Horizons**, n. 51, p. 267-271, 2008.

DAVIS, S. **Social entrepreneurship: towards an entrepreneurial culture for social and economic development**, Prepared by request for the Youth Employment Summit, p.7-11. Sep. 2002.

DEES, G. “Social Ventures as Learning Laboratories”, *Tennessee’s Business*, v. 20, n.1, p. 3-5, 2011.

EXAME. Negócios 2.5 movimentam a oferta de modelos econômicos sustentáveis. Disponível em: < <https://exame.abril.com.br/negocios/dino/negocios-25-movimentam-a-oferta-de-modelos-economicos-sustentaveis/>>. Acesso em : 7 de novembro de 2018

FOLHA DE SÃO PAULO. Híbrido de empresa e ONG, setor 2.5 ainda é apenas possibilidade no país. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/colunas/2018/01/1945415-hibrido-de-empresa-e-ong-setor-25-ainda-e-possibilidade-no-pais.shtml>>. Acesso em: 7 de novembro de 2018.

GODOY VIERA, A. F.; FORESTI, F. Informação e conhecimento na Economia Solidária. **Biblios**, n. 62, 2016.

GRIECO, C. **Conceptualizing Social Entrepreneurship**. In: GRIECO, C. *Assessing Social Impact of Social Enterprises*. Zurique : Springer. p.5-36. 2015.

JESUS, T. A; SARMENTO, M.; DUARTE, M. Ética e responsabilidade social. **Dos Algarves: A Multidisciplinary e-Journal**, Portugal, p.3-30, 2017.

JUNIOR, C. L. C.; et all. O processo de captação de recursos em organizações não governamentais (ongs): estudo de caso com aplicação de ferramentas de engenharia de métodos. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 35, 2015, Fortaleza. **Anais...**, Rio de Janeiro: ABEPRO, 2015.

LAMY, S. As ONG como fontes de informação nos media - um olhar sobre o discurso jornalístico não governamental na RTP, TSF, Público e agência Lusa. **Observatório (OBS*)**, Portugal, v. 10, n. 4, p. 116- 131, 2016.

MELO NETO, F. P.; FROES, C. **Empreendedorismo Social**: a transição para a sociedade sustentável. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

OLIVEIRA, E. M. Empreendedorismo social no Brasil: atual configuração, perspectivas e desafios – notas introdutórias. **Revista da FAE**, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 9-18, jul./dez. 2004.

RIBEIRO, F. V. A territorialização de organizações não governamentais nas periferias urbanas: uma experiência na metrópole de São Paulo. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias sociales**, Barcelona, v. 18, n.493, 2014.

ROSOLEN, T.; TISCOSKI, G. P.; COMINI, G. M. Empreendedorismo Social e Negócios Sociais: Um Estudo Bibliométrico da Produção Nacional e Internacional. In: ENCONTRO DA ANPAD, 37. 2013, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANPAD, , 2013.

SOUSA, E. G. de; GANDOLFI, E. P.; GANDOLFI, C. M. R. Empreendedorismo social no Brasil: um fenômeno de inovação e desenvolvimento local. **Dimensión empresarial**, v.9 n. 2, p. 22-34, 2011.

SCHROEDER, Jocimari Tres; SCHROEDER, Ivanir. Comportamento organizacional - responsabilidade social corporativa: Limites e possibilidades. **RAE**, São Paulo, v. 3, n. 1, jan./jun. 2004

SINGER, P.. Economia solidária versus economia capitalista. **Sociedade e Estado**, Brasília, v.16, n. 1-2, p. 100-112. 2001.

SOARES, M. C.B. **As possibilidades de articulação entre inovação e empreendedorismo e as economias nos territórios de baixa densidade: o caso das Lameiras**. 2014. 142 f. Dissertação (Mestrado em Intervenção Social, Inovação e empreendedorismo) - Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014.

SCHROEDER, J.T.; SCHROEDER, I. Responsabilidade Social Corporativa: limites e possibilidades. **RAE eletrônica**, v. 3, n.1, Art. 1, jan/jun. 2004. Disponível em: <https://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_S1676-56482004000100002.pdf> Acesso em 2. dez. 2018.

TAVARES, M.N. **Análise do potencial de transformação em micro e pequenas organizações do terceiro setor em negócios sociais**. 2018. 76 f. Dissertação (Mestrado em Gestão para Competitividade) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2018.

WEERAWARDENA, J. ; MORT, G. “Investigating social entrepreneurship: A multidimensional model”. **Journal of World Business**, n. 41, p. 21-35. 2006.

WORLD BUSINESS COUNCIL FOR SUSTAINABLE DEVELOPMENT. Corporate social responsibility: Making good business sense. Geneve. 2000.

ZANITELLI, L. M. Capitalismo Brasileiro e Responsabilidade Social Empresarial. **Seqüência**. Florianópolis, n. 66, p. 83-112, jul. 2013.